

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: A APRENDER ONLINE

Distance education: to learn online

Carolina Brandão Gonçalves¹

Resumo: Problematiza-se a Educação a Distância sob o que alguns autores acreditam ser a sua inovação tecnológica mais recente caracterizada pela perspectiva online. Para início da tarefa achamos por bem começar pela definição e origem do termo online. Embora seu significado já esteja suficientemente popularizado ainda persistem algumas polêmicas em torno do assunto, as quais analisaremos no âmbito de uma breve contextualização da EaD no mundo. Em seguida refletiremos sobre os tempos e espaços diferentes instituídos pela Internet, suas repercussões no ensino e a aprendizagem e como desenvolver modelos de cursos mais adequados a essa nova perspectiva na Educação.

Palavras Chaves: online, on-line, ensino, aprendizagem em EAD.

Abstract: Problematizes the distance education on what some believe to be its latest technological innovation characterized by prospect online. To start the task, we thought it good to get de definition and origin of the term online. Although its meaning is already popular enough still remain some controversies around the subject, which we analyzes within a brief overview of distance education in the world then try to reflect on the different times and spaces, introduced by the Internet, its impact on teaching and learning, and how to develop models of courses best suited to this new perspective in education.

Keywords: online, teaching, learning in distance education.

1 Online ou on-line?

Online ou on-line é uma palavra de origem inglesa, que traduzida literalmente para o português significa estar “em linha”, ligado a rede, ou a outro sistema computacional. Quanto a grafia do termo observa-se duas formas de escrevê-lo, com ou sem hífen, on-line ou online podem aparecer escritos indiferentemente nos textos, mas por uma questão de coerência e estética ao redigirmos convém optar por um deles, desse modo optamos pela grafia sem hífen.

¹ Doutora em Tecnologia Educativa na Universidade do Minho; Portugal, Pedagoga da Universidade Federal do Amazonas.

Dependendo do contexto, o termo online assume outros significados também. Se relacionado a *web site*, significa estar acessível para comunicação, inclusive em tempo real, dentro de um outro sistema de informação, significa estar ativo nas funções que desempenha, no contexto da educação significa que o aluno aprende conectado a Internet, ou a um outro sistema de rede digital.

Para Moran (2003), a educação online pode ser interpretada como um conjunto de ações de ensino-aprendizagem desenvolvidas por meios telemáticos, Internet, videoconferência e teleconferência, e que acontece dos níveis mais elementares aos mais especializados nos sistemas formais e informais de ensino. “Abrange desde cursos totalmente virtuais, sem contato físico – passando por percursos semipresenciais – até cursos presenciais com atividades complementares fora de sala de aula, pela internet. “ (MORAN, 2003,p.38).

Moran (2003) faz distinção entre o conceito de Educação a Distância e educação online, para ele o primeiro compreende um conceito mais amplo que pode incluir a formação por meio de materiais impressos, sem a utilização de suportes eletrônicos de telecomunicações e de rede, sendo o ensino online, porém, seria mais uma das múltiplas estratégias da formação a distância.

M.J. Gomes (2003, p.150) analisa, a partir da perspectiva de diferentes autores, as gerações de inovação tecnológica no campo da Educação a Distância e acrescenta novas contribuições ao debate. Segundo a autora, é possível compreender os modelos pedagógicos utilizados nessa modalidade de ensino aprendizagem a partir da evolução tecnológica dos suportes que representam os conteúdos e sustentam a comunicação entre professores e alunos. Nesse sentido, Gomes (2003) descreve seis gerações de inovação tecnológica no campo da Educação a Distância:

O Ensino por Correspondência caracteriza a primeira geração, nela o texto é predominantemente o meio mais recorrente de representação de conteúdos. A comunicação do tipo bidirecional se faz por correio postal, geralmente parte da iniciativa do professor ou da instituição. “A interação entre alunos é inexistente.” (M.J. GOMES, 2003, p.150).

A segunda geração, referenciada por M.J. Gomes (2003), é a da tele-educação, nela assiste-se à utilização de múltiplas mídias (multimidiática) como representação dos conteúdos. De acordo com a autora “Em termos de canais de distribuição dos materiais de ensino, esta geração se caracteriza pelo recurso às emissões radiofônicas e televisivas.” (M.J. GOMES, 2003,p.150). Nesta geração predomina a comunicação unidirecional, na qual os veículos de massa TV e rádio estabelecem modelos de formação que ampliam significativamente o número de participantes. Os níveis de interação entre professor e aluno aumentam, na qual o telefone é sem dúvida o meio mais utilizado para estabelece-la.

A interação junto ao uso de múltiplas mídias com a possibilidade de feedback é o elemento fundamental da terceira evolução tecnológica na Educação a Distância, denominada por M.J. Gomes (2003) de geração Multimédia. Nela, os suportes digitais como CD-ROMs, videodiscos e mídias similares, representam os conteúdos

de ensino que ainda são distribuídos por correio postal. O computador estabelece a comunicação entre professor-aluno, geralmente por correio-eletrônico, lista de participantes, porém não representa uma estratégia pedagógica fundamental nessa etapa. “[...] a comunicação entre alunos e a participação em espaços eletrônicos de discussão não é, nesta terceira geração tecnológica, um elemento considerado essencial para o desenrolar das atividades de ensino/aprendizagem.” (M.J. GOMES, 2003, p. 151).

A quarta-geração, M.J. Gomes (2003) a designa como aprendizagem em rede. Os conteúdos são representados por suportes multimídias que proporcionam a interação dos participantes com as mídias digitais da terceira geração, mas usufrui das potencialidades da comunicação sob a rede de computadores, Internet, que promove a comunicação assíncrona e síncrona entre professores e alunos e estes entre si.

No mesmo sentido a quinta geração se caracteriza pelo desenvolvimento dos aparelhos de telefonia móvel, celulares e pela facilidade com que estes recursos permitem o envio e recebimento de sms e arquivos. Acredita-se que muito em breve a oferta de educação poderá estar disponível cada vez mais a partir dos serviços de telefonia móvel. Para M.J. Gomes (2008). “A concretizar-se um cenário desse tipo, a quinta geração do EaD, designada de **m-learning** será o concretizar das práticas de e-learning fortemente conectivas e contextuais.” (M.J. GOMES, 2008, p. 195).

Finalmente a sexta-geração se constitui pelo que se convencionou chamar second life ou como refere M.J. Gomes (2008, p.198) “**mundos virtuais imersivos**.” O “second life” usufrui da internet e da possibilidade de digitalização da realidade para criar no ciberespaço uma simulação da vida social, o que nos parece uma oportunidade promissora no desenvolvimento de situações de ensino e aprendizagem a serem apropriadas pela EaD.

Cada vez mais as informações são partilhadas online, de modo que cresce o número de profissionais que alimentam esse sistema e é expressiva a quantidade de pessoas em toda a parte do mundo que depende da informação digital para trabalhar e se comunicar com os outros. A economia da sociedade atual esta conectada online e é sob esse contexto que a Educação a Distância se redefine.

Para Moran (2003, p.39), “A educação online está em seus primórdios e sua interferência se fará notar cada vez mais em todas as dimensões e níveis de ensino.”. De acordo com o autor, esse novo paradigma nos traz questões específicas com desafios novos, como por exemplo a formação a distância em locais aonde o presencial não dá conta, ou levaria muito tempo para atingir um número muito grande de alunos em pouco tempo. “É difícil organizar cursos presenciais simultaneamente para 7000 professores.” (MORAN, 2003, p.39).

Para M. Silva (2003), a Educação a Distância já tem história, mas agora vive sua explosão com a internet. “Mesmo que ainda prevaleçam os suportes tradicionais (o impresso via correio, o rádio e a TV) não há dúvida de que seu futuro promissor é online.” (M. SILVA, 2003, p.11).

Segundo o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI, realizada em 1998 cujo relator Delors, diferentes países têm estabelecido parcerias entre si em busca de estratégias partilhadas que satisfaçam as soluções dos problemas mundiais, embora a Comissão lamente os fracos resultados obtidos.

No Relatório, essas iniciativas entre os países devem ser estendidas às áreas sociais e de educação e recomenda o uso dos recursos tecnológicos para atender a essa necessidade: “A tecnologia pode lançar pontes entre países industrializados e os que não o são, e levar professores e alunos a alcançar níveis de conhecimento que, sem ela, nunca poderiam atingir.” (DELORS, 2001, p.161). Essa medida visa sobretudo combater as desigualdades e diminuir o fosso entre ricos e pobres.

A tecnologia em rede, nesse sentido, representa uma alternativa para a democratização do ensino e o crescimento das oportunidades de aprender. Destacamos em especial aqueles que vivem em regiões do globo consideradas isoladas. No Brasil, o Estado do Amazonas é uma dessas áreas, que por sua enorme extensão territorial e complexidade geográfica tem sofrido dificuldade para atender a demanda por formação de sua população interiorana.

Muitos autores chamam a atenção para os modelos de ensino que alguns cursos na Web costumam apresentar. Segundo eles, embora a interface do computador empreste uma aparência inovadora ao processo, as dimensões da educação online costumam ser subutilizadas. Moran (2003) afirma que a maior parte deles continua focada na informação, no professor, no aluno individualmente e na interação com o professor/tutor.

Para M. Silva (2003), o antigo paradigma de ensino presencial se consolidou tanto que penetrou nos modelos de formação pela internet, em prejuízo aos novos processos estabelecidos. “Sua pregnância alastrou-se tão intensamente também em educação online ao ponto de subutilizar a disposição à interatividade própria do fundamento digital.” (M. SILVA, 2003, p.51).

Com certeza, temos novos tempos, dos quais emergem modelos de educação diferentes dos que estamos habituados e que nos exigem refletir sobre os paradigmas tradicionais de ensino. Talvez não para superá-los, no sentido de pôr a parte a experiência adquirida e acumulada que se mostrou eficaz ao longo da história, mas para junto a esse conhecimento historicizado da escola e suas práticas, acrescentarmos novas experiências e formas de pensar e agir em benefício da educação dos tempos atuais.

Assim uma outra razão para o desenvolvimento da educação online vem do fato de estarmos vivendo numa sociedade da e para aprendizagem cujas diferentes instâncias públicas ou privadas nos levam a um processo de formação contínua.

Para Portuis e Desmet (1999, p.36) “a família e a escola são duas das principais instâncias formativas. “Mas hoje, diante da necessidade de formar indivíduos, abrem-se empresas e comitês, centros de auxílio sociais, prefeitura, os Ministérios e setores informais e formais estão sendo implicados.” Segundo os mesmos autores, “a pedagogia não é mais monopólio da escola: esta em todo lugar e diz respeito a todos os cidadãos e responsáveis políticos.” (PORTUIS & DESMET, 1999, p.36).

Nos novos cenários a Web se apresenta como um espaço promissor em que se pode encontrar possibilidade de formação. Mas será que a prender na Web seria igual a aprender em uma sala convencional, com a única diferença de estarmos adquirindo informação no ambiente virtual? O que muda quando as situações de aprendizagem migram para os ciberespaços?

2 Tempos e espaços diferentes de pensar o ensino e a aprendizagem

Até o momento a escola tem sido uma instituição localizada, ou seja situada dentro de um espaço geográfico determinado, cujas atividades são estabelecidas em função desse contexto, que influencia no trabalho dos agentes escolares. Porém, a escola é mais que um espaço físico, é sobretudo, um espaço social que orienta a distribuição dos tempos de estudo, as práticas pedagógicas.

O trabalho realizado pela escola pressupõe ainda o desenvolvimento de processos específicos no âmbito do currículo, dos conteúdos, discursos, concepções, objetivos e finalidades, todos estabelecidos a partir de uma concepção de tempo e espaço, que segundo Tardif e Lessard (2005) são realidades primeiramente cognitivas ou discursivas, com as quais os professores devem agir e lidar para atingir seus fins.

Com o desenvolvimento da Internet surgem as práticas de ensino *online* nas escolas e nas Universidades, Centros de Ensino e deste modo os elementos organizadores do trabalho pedagógico, espaço e tempo, são outros, significativamente alterados pelas novas concepções de espaço temporal da atualidade, definido pelo seu caráter elástico, flexível e de um contínuo permanente.

Junto ao conceito de tempo cronológico medido pelos relógios e calendários determinados pelo espaço geográfico somam-se agora, o tempo em fluxo das redes de informação e comunicação eletrônicas. Castells (2003) e Harvey (2007) observam as mudanças de concepções em relação ao tempo e espaço em função do contexto histórico em que estas categorias foram criadas, para os autores, essas têm variado consideravelmente ao longo da história. Segundo Harvey (2007), o espaço e o tempo são categorias básicas de existência humana, pouco discutidas e que aceitamos sob as definições oferecidas pelo senso comum. Ainda enfatiza que

Registramos a passagem do tempo em segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, décadas, séculos e eras, como se tudo tivesse um lugar numa única escala temporal objetiva. Embora o tempo na física seja um conceito difícil e objeto de contendas, não costumamos deixar que isso

interfira no nosso sentido comum do tempo, em torno do qual organizamos rotinas diárias. (HARVEY, 2007, p.187).

Para Castells (2003, p. 521) tanto o tempo na natureza, como o social parece corresponder a um momento específico dentro de um determinado contexto. Para ele, embora a sociedade contemporânea ainda esteja fortemente dominada pelo conceito de tempo localizado, linear, irreversível mensurável e previsível na sociedade em rede este tende a ser intemporal. “O que chamo de tempo intemporal é apenas a forma dominante emergente do tempo social na sociedade em rede porque o espaço de fluxo não anula a existência de lugares.” (CASTELLS, 2003, p.527).

Segundo Assmann (2005, p. 57), “No meio da travessia dos limites espaços-temporais do mundo contemporâneo a interação entre os meios sociais e as novas tecnologias de comunicação e informação começam a criar espaços abertos e dinâmicos de aprendizagem.” Nesse sentido, o autor acredita na emergência de novos paradigmas de educação, mais abertos e claros, condizentes com a epistemologia das práticas pedagógicas atuais.

Entretanto, em grande parte da estrutura da escola os tempos de ensino e aprendizagem continuam fortemente condicionados ao espaço físico em que se faz o ato educativo. Sob a influência da Sociedade industrial, baseada no modelo de produção em série, fordismo e nas divisões de tarefas rotinizadas, taylorismo, tanto o tempo, quanto os conteúdos de ensino e as próprias atividades escolares obedecem aos princípios do pensamento industrial.

Assim, tal como nas fábricas, os relógios cronometravam o tempo de produção, na escola, estabeleciam e ainda influenciam na organização das rotinas de sala de aula, as disciplinas são planejadas em unidades de ensino que são ministrados ao longo de um período prefixado, distribuídos de modo fragmentado durante os tempos de aula. Cinquenta minutos para Língua Portuguesa, toca o sino e é hora de esquecer o português e começar a pensar em matemática.

Os ambientes virtuais de aprendizagem já não estão sob a antiga ótica espaço temporal, isso pressupõe alterações significativas na forma de organizar o trabalho pedagógico desenvolvido no ciberespaço. Há de certo modo, uma exigência para mudança na própria cultura escolar, na maneira de transmitir os conhecimentos nesses ambientes.

No momento atual, é impossível pensar que se pode dominar com profundidade todos os campos do conhecimento.” Talvez algum dia tenha sido verdade que um indivíduo dedicado pudesse dominar o conhecimento existente no mundo, ou pelo menos uma parte significativa desse conhecimento. Enquanto esse era um objetivo sustentável, fazia algum sentido oferecer um currículo uniforme.” (GARDNER, 2000, p.66).

A atitude de desvelamento das condições histórico-sociais em que os conhecimentos são produzidos inscreve o currículo dos cursos online em uma perspectiva crítica, sensível ao desmascaramento de interesses ocultos que perpassam as informações distribuídas ideologicamente. Em vez de repassar conhecimento reprodutivo exige que o aluno compreenda as múltiplas facetas da realidade ao mesmo tempo que por suas interações nos grupos de discussão assíncronos ou síncronos tenham oportunidade de expor o seu próprio ponto de vista acerca dos assuntos apresentados.

Diante desta nova visão, a busca de outros caminhos rompe com a pedagogia das certezas, dos saberes pré-fixados, e reassume a pedagogia da pergunta e do acesso à informação, a pedagogia da complexidade, que possibilita aprender a trabalhar com a diversidade, a surpresa e a imprevisibilidade (ASSMANN, 2005).

Sob o regime das redes digitais de informação o tempo de ensinar e aprender é flexibilizado, a sala de aula digital é um espaço de fluxo em que os saberes podem estar distribuídos interdisciplinarmente, não mais como unidades fragmentadas. Nela o aluno através dos acessos aos conteúdos pode escolher o seu percurso de aprendizagem e cumprir os objetivos do curso.

Segundo Tardif e Lessard (2005) a escola, tal como a conhecemos, utiliza diferentes instrumentos, livros, cadernos, manuais. O discurso escolar é fundamentalmente, um discurso escrito. Nos ambientes virtuais além do texto, o som e as imagens ocupam um importante lugar nos processos de significação e elaboração do conhecimento.

O Ciberespaço compreende contextos diferentes de interação, trabalho e tempo. Nesse local as pessoas se encontram sob uma nova materialidade, que para tornar-se significativa precisa compartilhar interesses. Segundo M. Silva (2003) “na sala de aula interativa a aprendizagem acontece com as conexões de imagens, sons, textos, palavras, diversas sensações, lógicas, afetividades e com todos os tipos de associações.” (M. Silva, 2003, p.54).

Assmann (2005) considera que as transformações sofridas na educação com o aparecimento das redes digitais pressupõem novas formas de raciocinar os processos de formação, pois estabelecem um conjunto de novos significados para as situações de ensino e aprendizagem dos quais resumimos nos seguintes pontos:

- Transformação no pensamento linear para o hipertextual;
- Ambiente de aprendizagem mais próximo da natureza viva e interdisciplinar do processo de construção do conhecimento e da interatividade dos processos cognitivos;
- Novo sentido de aprender, agora associado a aprendizagem ao longo da vida;
- Desenvolvimento da capacidade de colocar e resolver problemas;
- Exercitar a curiosidade, explorar a dúvida;
- Desenvolvimento do pensamento complexo, capaz de estabelecer elos para o contextualizar e globalizar os saberes. (p. 61-63).

Os ambientes virtuais de aprendizagem podem ser acessados vinte e quatro horas por dia em qualquer lugar aonde haja internet, e neste sentido ensinar e aprender deixa de ser uma atividade delimitada geograficamente e contida nos limites de um tempo condicionado ao lugar. Nessa perspectiva, abre-se para a escola a possibilidade de contato com outras culturas, a fim de conhecer e interagir com alunos de outras escolas e até mesmo de outros países, fato que favorece a educação e que nos leva a pensar o ensino como uma atividade multicultural.

A interação entre os inscitos constitui o elemento essencial dos espaços virtuais de aprendizagem. Entretanto, nem todos estão preparados para interagir online, ou porque receiam se expor ou não se identificam com o modelo dos cursos, ou mesmo com algum participante, nesses casos cabe ao e-professor favorecer as discussões, gerenciar os possíveis conflitos, se for necessário inclusive retirar interações que atentem contra integridade de um ou mais membros do grupo.

Azevedo (2003) em franca ironia editou um artigo cujo título sugere, em oito passos, como “detonar” com um projeto de educação online, os quais sintetizamos aqui:

. **Ignore a história:** faça de conta que educação online começou de dois anos para cá quando o termo online começou a ficar mais popular. Ignore qualquer coisa que tenha sido escrita antes de 2000;

. **Gaste o máximo de tempo, em recursos com tecnologia:** não se preocupe com pequenos detalhes como usabilidade, facilidade, adequação ao público alvo e necessidades do curso;

Não perca muito tempo pensando em “coisas pedagógicas” como objetivos de aprendizagem, perfil de público-alvo, estratégias de ensino etc: invista mais energia em pensar nos aspectos tecnológicos;

. **Antes de pensar nos objetivos, pense nos recursos tecnológicos:** mantenha sempre em mente os recursos tecnológicos, sem se preocupar na adequação e procure aplicar em todo e qualquer lugar;

Acredite piamente em papai Noel, coelho da páscoa e educação sem professor: automatize o máximo e envolva o mínimo de pessoas no processo;

. **Considere suficiente a adaptação técnico-operacional de alunos e professores ao ambiente online:** Se o aluno e professor aprenderam a clicar no lugar certo da tela, considere-os plenamente aptos a acompanhar um curso online;

. **Não se preocupe em preparar alunos e professores psicopedagogicamente para o ambiente online:** se o professor é um bom especialista em sua área e domina a sala de aula presencial pressuponha sem questionar que ele saberá conduzir um curso online, faça o mesmo em relação aos alunos, se eles sabem lidar com o browser acredite que é suficiente para fazer um curso online;

. **Ignore o potencial da interação coletiva assíncrona em todo texto:** utilize poucos textos e aposte mais em recursos multimídias, imagens e som que na interação assíncrona. (Azevedo, 2003, p.155).

Considerações finais

Chegamos até este momento corroborando com Azevedo, que acentua, na ironia, e adverte:

Nem todos estes passos acima precisam ser seguidos para detonar com um curso online. A combinação de três ou quatro deles pode ser suficiente para garantir o fracasso de uma iniciativa. Se, na relação acima você identificou aspectos que estão sendo seguidos no projeto com o qual esta envolvido e este projeto não vai bem, então pode estar certo de que eles estão por trás dos resultados que têm sendo obtidos. (2003, p.157).

Na verdade o que se depreende é que como qualquer processo formativo os cursos online se sustentam teórico e metodologicamente a partir das teorias de ensino, que podem ser tanto mais ou menos conservadoras de acordo com a escolha do modelo de formação adotado. Assim, é possível encontrar na Web diferentes formas de pensar o ensino, desde cursos do tipo instrução até a modelos colaborativos.

Referências

Assmann, H. **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Brasil, Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes. 2005.

Azevedo, W. Como “detonar” um projeto de educação online. In M. Silva (Org.), **Educação online**. Brasil, São Paulo: Loyola. pp.155-158. 2003.

Castells, M. **A Sociedade em Rede**. Brasil, São Paulo: Paz e Terra. 2003.

Delors, J. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Brasil, São Paulo: Cortez. 2001.

Gardner, H. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Brasil, Porto Alegre: ArtMed. 2000.

Gomes, M.J. **Gerações de inovação no ensino a distância**. Universidade do Minho, 2003. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/496/1/MariaJoaoGomes.pdf>>. Acesso em: 29 Jul 2009.

Gomez, M.V. **Educação em Rede**: uma visão emancipadoras. Brasil, São Paulo, Instituto Paulo Freire, Cortez, 2004.

Harvey, D. **Condição Pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 16.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

Moran, J.M. Contribuições para uma pedagogia da educação online. In M. Silva (Org.), **Educação Online**. Brasil, São Paulo: Loyola. 2003.

Pourtois, J.P., Desmet, H. **A Educação Pós-Moderna**. Brasil, São Paulo: Loyola. 1999

Silva, M. Criar e professorar um curso online: relato de experiência. In M.Silva (Org.), **Educação online**. Brasil, São Paulo: Loyola. pp.155-158